

# SOBRE NARRAR (E REPLANTEAR) UMA PESQUISA COM LITERATURA, TEATRALIDADE E EDUCAÇÃO

Heloise Baurich Vidor<sup>1</sup>  
Bárbara Evangelista Vieira Prudêncio<sup>2</sup>  
João Paulo Ferreira Silva<sup>3</sup>  
Nícolas de Córdova Dorvalino<sup>4</sup>

**Resumo:** O texto apresenta considerações sobre ações de pesquisa coordenadas pela primeira autora, que entrelaçam os campos do Teatro, da Leitura, da Literatura e da Educação, no Departamento de Artes Cênicas da UDESC, pela perspectiva de três estudantes do curso de Licenciatura em Teatro que participaram ativamente dos projetos através dos programas de Iniciação Científica, entre os anos de 2016 e 2020. As narrativas revelam como a experiência reverberou na formação de cada um e apontam a vivência das leituras coletivas de textos teóricos, na íntegra, em encontros regulares; a criação e execução do projeto *Bibliotequinha*; e a fruição de literatura como aspectos potentes e coincidentes nas três narrativas para a formação de artistas e professores/as de teatro.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Teatro; Infância e juventude; Formação docente; Iniciação científica.

## About narrating (and reproposing) a research with literature, theatricality and education

**Abstract:** The text presents considerations about research actions coordinated by the first author, which intertwine the fields of Theater, Reading, Literature and Education, at the UDESC Department of Performing Arts, from the perspective of three undergraduate theater students who actively participated in the projects through Scientific Initiation programs between the years of 2016 and 2020. The narratives reveal how the experience reverberated in the formation of each one and point out the experience of collective readings of theoretical texts, in full, at regular meetings; the creation and execution of the *Bibliotequinha* project; and the enjoyment of literature as powerful and coincident aspects in the three narratives for the formation of artists and teachers of theater.

**Keywords:** Theater pedagogy; Childhood and youth; Teacher training; Scientific research.

O ano de 2020 marca o final de um ciclo de colaboração de três discentes em projetos de pesquisa que a primeira autora coordenou e coordena no

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina ([heloisebvidor@gmail.com](mailto:heloisebvidor@gmail.com))

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina ([barbaraevp@gmail.com](mailto:barbaraevp@gmail.com))

<sup>3</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina ([ps.joaoferreira@gmail.com](mailto:ps.joaoferreira@gmail.com))

<sup>4</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina ([nicordorva@gmail.com](mailto:nicordorva@gmail.com))

Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, através da participação em Programas de Iniciação Científica<sup>3</sup>. Os projetos *Teatro, Leitura, Literatura e Educação: encontros com o texto* (2016 - 2019) e o atual *Leitura e Teatralidade - literatura juvenil e escola* (2019-2023) transitam pelo tema da aproximação dos campos da leitura e do teatro, em diálogo com práticas de leitura coletivas e lúdicas associadas a procedimentos teatrais, procurando responder às questões que se relacionam com as dificuldades decorrentes da presença do texto em processos pedagógicos de teatro e à fruição de literatura entre crianças, jovens e adultos.

Entre o início da pesquisa em 2016 até o presente momento João Paulo Ferreira Silva, Bárbara Evangelista Vieira Prudêncio, Nícolas de Córdova Dorvalino, discentes da Licenciatura em Teatro, conformaram a equipe de pesquisa juntamente com outros participantes - estudantes de pós-graduação, artistas, professores da educação básica.

Este texto nasceu da vontade de que cada um desses discentes finalizasse o ciclo da pesquisa com a narrativa das experiências, em uma abordagem de conteúdo holística (PAIVA, 2008), revelando, cada qual com sua singularidade, as marcas dessas experiências em suas formações como professores-artistas. Paulo Freire, Antonio Candido, Jorge Larrosa, Jan Masschelein, Maarten Simons, Walter Kohan, Byung-Chul Han, autores que nos acompanharam ao longo do percurso, são evocados, dando sentido às ações que se repetem e se complementam nas três narrativas.

## **NARRATIVAS ERÓTICAS DE JARDINAGEM: A BUSCA DE UMA PEDAGOGIA, DE UMA POÉTICA E DE UMA VIDA QUE FAÇA SENTIDO - POR JOÃO PAULO FERREIRA SILVA**

Este texto está dividido em três partes intituladas: (1) Versos introdutórios: sobre narrar uma pesquisa; (2) Versos eróticos: sobre escrever com amor; (3) Versos e jardinagens: de professor/artista/pesquisador a jardineiro. As epígrafes são evocadas para dar algum sentido aos títulos conferidos. As reflexões elaboradas a partir da vivência são formulações abertas, em construção e desconstrução contínuas, e que não pretendem ser respostas que findam discussões.

---

<sup>3</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq/PIBIC; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UDESC/PROBIC.

## 1. Versos introdutórios: sobre narrar uma pesquisa

A narrativa de uma viagem, através de um procedimento inventivo, uma ficção, diria ao próprio viajante algo de sua experiência. O que se revela nessa compreensão é uma desierarquização entre a vivência e a escritura, uma vez que a narrativa não é só pensada como produto de uma viagem, mas também como produtora de uma experiência de travessia: a escrita atravessa o vivido e lhe concede algum sentido (Priscilla Menezes de Farias, 2014)

Início a narrativa: ingressei no projeto *Teatro, Leitura, Literatura e Educação: encontros com o texto* em 2016 e finalizei minha atuação em 2019, em conjunção com a minha formatura na Licenciatura em Teatro. Hoje sou professor-substituto da educação básica na rede municipal de educação de Biguaçu/SC. Entrei no projeto em um momento oportuno, no qual eu precisava, além da remuneração da bolsa, parar para repensar algumas questões sobre mim mesmo e sobre o mundo caoticamente vivido em 2016. Talvez eu precisasse ensaiar, ter um tempo para fazer algumas tentativas de discursos, ter um tempo para fazer algumas tentativas de perguntas, ter um tempo para fazer algumas tentativas sobre a minha própria existência.

Este texto é escrito em meados de 2020, a convite da professora Heloíse para conversar sobre o projeto de pesquisa, elencando algumas reflexões referentes à nossa prática. Considero importante dizer que estou a completar quatro anos de vivência desta pesquisa e, honestamente, eu não me recordo dos meus sentimentos e pensamentos de todo este percurso. Tento compartilhar sobre o que este contato fez comigo, como o projeto ainda reverbera em minhas palavras, em minhas ações e em meus trabalhos artísticos e pedagógicos.

O grupo de pesquisa, em conjunção com a revisão bibliográfica, realizou algumas ações de curta e de longa duração. Em meio às ações de longa duração, considero importante citar a *Bibliotequinha*, uma pequena biblioteca construída com livros para crianças (de todas as idades) do acervo pessoal da coordenadora e aberta para a comunidade acadêmica; o Grupo de Estudos no qual, de forma quinzenal e aberta ao público em geral, aconteciam reuniões para ler um livro teórico; e o Grupo de Leitura de Literatura, no qual, de forma quinzenal e aberta ao público em geral, aconteciam reuniões para ler um texto literário.

Foi neste projeto que, com luta, paixão e generosidade, encontrei textos que me ajudam a pensar e a dar sentido à vida de professor, de artista e de (quem sabe?) um futuro pesquisador. Se utilizo a palavra luta, é para ressaltar que há um

quê de rebeldia que pulsa em mim. Se utilizo a palavra paixão, é porque começo a introduzir elaborações sobre a experiência (LARROSA, 2016) que conheci com o projeto de pesquisa, através do qual pude me apaixonar por livros, teorias, práticas artísticas e pedagógicas. Se utilizo a palavra generosidade, é para falar sobre a generosidade de meus colegas de pesquisa em ouvir minhas ideias às vezes mirabolantes, às vezes ingênuas, às vezes rebeldes, às vezes ingênuas ao serem rebeldes; sobre a generosidade da professora Heloíse ao ler e reler meus escritos, sempre com a disposição de procurarmos juntos caminhos que fossem possíveis de percorrer; e sobre a generosidade para com os estudos, que exigiram empenho e questionamento.

A seguir, trarei reflexões elaboradas durante a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para falar do projeto de pesquisa em questão e para tecer alguns apontamentos, algumas notas, alguns comentários e inquietações, porque acredito que esse TCC incorporou conceitos e práticas do projeto.

## 2. Versos eróticos: sobre escrever com amor

1883. Alguém aqui já era nascido? Foi um pouco mais tarde, seis anos depois, pra ser mais exato, que o Brasil proclamou sua república. Quer dizer, o Brasil não né. Aquele pessoal importante, homens, velhos, brancos sérios, positivistas, gente que vira nome de avenida. E com eles veio a pátria, veio o hino, veio a bandeira. Veio a ordem, veio o progresso... Só não veio o amor. Porque era pra ser “Amor, ordem e progresso”. Mas eles acharam que o amor deixava a coisa impalpável demais, sentimental demais. Na verdade eles tinham medo de que o amor impedisse a ordem e o progresso. Porque a gente sabe, o amor é caos, é terrorismo. (...) Uma vez eu li num muro: cada corpo é um país. Vocês conseguem ver o meu? (Assis Benevenuto e Marcos Colleta, 2017).

O TCC se intitula *O mestre desmandou: memórias, teatro e atenção na escola* (SILVA, 2019). Nele exploro memórias, conceitos e práticas a partir da definição de Jan Masschelein e Maarten Simons sobre o fazer escolar em seu livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2018), sendo a escola, segundo os autores, definida por se ocupar dentro de uma temporalidade não-produtiva, um tempo livre. No trabalho também traço algumas elaborações sobre a palavra atenção atrelada à pedagogia do teatro. Aqui não pretendo falar o que já foi dito no TCC, mas refletir sobre algumas inquietações que estiveram presentes durante

a sua elaboração, as quais acredito que possam falar um pouco sobre o projeto de pesquisa que integrei, e sobre uma maneira específica de encarar algumas questões referentes à pesquisa, à pedagogia e à prática artística.

*O mestre desmandou: memórias, teatro e atenção na escola* (2019) se ocupou de viajar para um íntimo lugar no qual vivi como estudante na escola, buscando pensar o tempo livre. Durante a escrita, senti que não bastava abrir caminhos através das palavras, desejava criar uma maneira de posicionar o corpo para a escrita. Utilizo a palavra posição, por acreditar que ela pode revelar algo sobre o modo como um corpo se posiciona para escrever: um corpo com os músculos tensos ou relaxados, em pé ou sentado, com as mãos próximas ou afastadas; um corpo com a cabeça à frente ou o peito à frente, pulsando amor ou ódio, tesão ou tédio; sendo produtivo ou improdutivo. Não penso a escrita exclusivamente para comunicar, penso-a como ação corporal que encarna ideias em seu ato escrivão.

A pergunta que faço é: faz sentido falar sobre tempo livre mantendo a lógica da produtividade no momento de escrever? Como escrever sobre o tempo livre sem me dar tempo para pensar? Decidi suspender<sup>6</sup> critérios que me aparentavam estar ligados a uma ideia de produtividade, como a quantidade de livros e textos elencados para a discussão – trabalhei sobre dois livros como eixos centrais do trabalho *Em defesa da escola: uma questão pública* (2018) e *A pedagogia, a democracia, a escola* (2014), ambos de Jan Masschelein e Maarten Simons. Suspendi as minhas expectativas, uma visão pré-determinada sobre o resultado final da escrita e alarguei o tempo de contato com os poucos livros que utilizei.

Essas decisões talvez tenham sido ingênuas ou radicais ou ingenuamente radicais, mas revelam meu desejo de ocupar a Universidade a partir do pressuposto de que ela também é uma escola, ocupando-se no tempo livre. O que pretendo dizer é que eu não via sentido em falar sobre tempo livre, presença, atenção, se essas palavras e conceitos não vivessem em meu corpo durante o ato escrivão. Por um lado, o problema ‘escrever como comunicação de uma questão ou criar uma situação para o corpo produzir a escrita?’ me faz pensar que há algo a se refletir sobre os parâmetros éticos e estéticos no ato de escrever um trabalho. Por outro lado, o processo resultou numa possível ingenuidade em virtude da

---

<sup>6</sup> Suspensão é um dos conceitos presentes no livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2018), e discute a ideia de que a escola suspende – torna inoperante temporariamente – as demandas econômicas, sociais e familiares sobre os alunos.

escassez de autores para discutir uma temática tão complexa como a educação escolar. No fim, essa maneira de pensar a escrita foi uma tomada de posição que fala sobre mim e sobre o que eu considero fundamental na construção de meus trabalhos, restando-me apenas assumir os ônus e os bônus desta decisão.

Essas discussões me levam a pensar sobre a estrutura de um saber específico, o saber de experiência. Digo sem inseguranças que conhecer ideias sobre a experiência e o saber de experiência, presentes no livro *Tremores: escritos sobre a experiência* (2016) de Jorge Larrosa, foi um dos regalos recebidos do projeto de pesquisa, uma vez que pude dar sentido às inquietações, angústias, alegrias e temores de minha jovem vida. Larrosa (2016) define o saber de experiência como a mediação entre o conhecimento e a vida, algo que se adquire como resultado do modo de responder e de dar sentido àquilo que nos acontece. A partir das colocações do autor, entendo o corpo como operante da mediação com o acontecimento artístico, pedagógico ou de pesquisa, e entendo o saber de experiência como resultante da maneira como um corpo encarna e/ou responde ao que lhe é proposto. Ao pensar nesse saber, minha atenção se direciona aos modos pelos quais algo se torna presente (ou como algo se encarna) e se manifesta no mundo, como um corpo se posiciona perante uma situação, como ele se afeta, como ele organiza e lida com o acontecimento. Durante o TCC, fiz a tentativa de aproximar a experiência e o saber de experiência do ato que produziu a escrita, entregando meu corpo a um jogo construído a partir das palavras, conceitos e discussões que emergiram do livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2018) e do livro *A pedagogia, a democracia, a escola* (2014), ambos de Jan Masschelein e Maarten Simons percorrendo um caminho que interferiu nas elaborações do conteúdo, da ética e da estética do TCC.

A meu ver, existe algo que é difícil de descrever, algo que estrutura uma maneira de lidar com a pesquisa, uma maneira de lidar com a vida, com as palavras, com as coisas do mundo. O que me inspira é pensar que ser professor/artista/pesquisador possa transbordar os discursos legitimados como oficiais ou transbordar os conhecimentos oficiais, dados pelo Estado ou qualquer outra estrutura que busque governar os (e através dos) saberes. Inspira-me pensar que ser professor/artista/pesquisador possa transbordar os discursos já consolidados e aprovados, seja pela sua eficiência, eficácia ou por um uso tranquilizador das palavras. Novamente relato aquela rebeldia ingênua e jovial, que me torna desejoso de pensar as palavras que são rejeitadas e expulsas de alguns lugares.

Retomo que me interessa escrever com amor e fazer amor com as palavras, desse amor erótico e caótico, que envolve o corpo e torna a vida confusa e plural. Interessa-me pensar com amor, desse amor que expulsa o unívoco e o totalitário, a ordem e o progresso. Interessa-me pensar como a vida ainda pode ser latente nos atos de ser professor, artista e pesquisador.

### 3. Versos e jardinagens: de professor/artista/pesquisador a jardineiro

O Jardim, esse pedaço de natureza, um conjunto de plantas, amigos, amores que se decidiu reunir num espaço. Um lugar em movimento lento, brotando sempre, pensado para permanecer.

Todos os dias eu cuido do jardim. Acesso vontades, desejos, crio laços e construo. Junto tudo que acredito, que sinto, que me emociona e planto. Quero que ele vingue, que me envolva.

Quero me confundir com esse jardim. Rascunho, componho, me esmero. Espero e me entrego.

Nesse tempo suspenso, muita coisa parou.

Mas o jardim permanece.

E segue crescendo.

(Luiz Wachelke, 2020)

Talvez o projeto de pesquisa possa ser comparado a um jardim. Retomo as ações: a *Bibliotequinha*, uma ação que convida futuros professores a lerem, sendo que na pesquisa discutimos sobre a importância da leitura na formação do professor; os grupos de estudos e de leituras abertos ao público em geral, nos quais o objetivo não visava explicar ou determinar a relevância de uma obra, mas simplesmente promover encontros nos quais pudéssemos ler juntos. Nós, integrantes do projeto, cuidávamos para que essas ações permanecessem vivas, fazendo-as acontecer e acessando-as com regularidade, com ou sem a presença de pessoas externas, com ou sem a presença de pessoas interessadas nos livros, como um jardim sendo cuidado para que, quando surgisse o interesse de alguém, ele ainda pudesse estar ali vivo. Um jardim aberto ao mundo, que convida as pessoas para entrarem e para lerem algumas palavras e algumas práticas.

Talvez eu esteja cultivando um jardim. Talvez ser professor, artista e pesquisador tenha algo a ver com um ato de jardinagem, no qual cultivamos

práticas, ideias, palavras que permanecem conosco em movimento lento, não para existirem eternamente, mas para que tenham tempo suficiente de criar raiz (mexendo em nossas profundezas existenciais) e para que ainda estejam vivas quando alguém desejar acessá-las. Quando os interessados aparecem (ou são obrigados a aparecer, como na escola), sejam eles estudantes, espectadores ou leitores, eles transitam em nosso jardim e observam. Desses observadores, alguns ficam indiferentes, outros decidem nos ajudar a cuidar das coisas que ali permanecem, e outros pisoteiam algumas plantas, algumas palavras, algumas coisas que somos e acreditamos. E nesse ato de abrir nosso jardim ao mundo através das ações artísticas, pedagógicas ou de pesquisa, atravessados pelos atos de indiferença, cuidado ou destruição, podemos decidir entre replantar o que foi destruído (que não voltará a ser o que era, pois agora carrega as ruínas daquilo que já foi), ou procurar novas maneiras de organizar as plantas e os caminhos que ali estão, procurar novas maneiras de plantar, adubar, podar, procurar novas maneiras de pensar, de gesticular, de falar.

Não sei. Esse pensamento é muito embrionário, mas talvez se torne frutífero para quem o lê. Por esse motivo terminarei essas reflexões eróticas sobre jardinagem dizendo ‘não sei’, e dizendo que essa articulação entre conceitos, práticas e vida (e aqui utilizei a metáfora do jardim para torná-la mais vitalizante e habitável), me faz lembrar do projeto de pesquisa que estou discutindo desde o início deste texto, mesmo que eu tenha me perdido em alguns devaneios.

### **QUANDO CRIANÇA, PREFERIA A SESSÃO DE LIVROS À DE BRINQUEDOS NAS LOJAS: SOBRE NARRAR UMA PESQUISA - POR NÍCOLAS DE CÓRDOVA DORVALINO**

Pensar em leitura me faz evocar minhas primeiras memórias do contato com a literatura. Tinha prazer na leitura, na exploração de diferentes formas de ver os seres, deixando-me levar pela imaginação ao me inserir nos mundos ficcionais da literatura. Deslumbrava-me com a sensação de tocar o livro, folheá-lo, observar, atento, cada uma das ilustrações e, por incontáveis vezes, reproduzir as histórias com minha irmã na sala de casa - com a participação de minha mãe, que sempre fazia a bruxa do conto João e Maria - com direito a figurinos feitos de lençóis e a transformação do sofá da sala no forno em que a bruxa era jogada no momento final da cena que representávamos.

Lembro-me de passar muito tempo fantasiando minha participação nas histórias que lia. Forçava minha imaginação ao máximo para construir com



detalhes os caminhos a serem trilhados entre a narrativa escrita pelo autor do livro e a minha intromissão como coautor e personagem. Com isso, surgiam novos diálogos e interações com o cenário, agora quase palpável. Gostava de ter objetos ao meu redor para sentir as texturas e me fazer acreditar que realmente estava construindo uma casa de palha, comendo um mingau muito quente ou caminhando pela estrada de tijolos amarelos. Com esse meu jeito de me expor às leituras, as situações se tornavam um tanto mais instigantes, porque eu me sentia parte da história, presente no livro. No entanto, toda essa construção lúdica com minhas leituras não ocorriam todo tempo, apenas quando encontrava aventuras que realmente me transportavam para outro lugar, imaginativamente.

Veio daí minha vontade de participar do projeto *Leitura e teatralidade: literatura juvenil e escola*. Ao receber o retorno da carta de intenção enviada para ingressar no projeto, fiquei animado, e logo pensei: como eu, enquanto ator e aluno da graduação em Licenciatura em Teatro me relaciono com a literatura? E com a pesquisa, que reflete sobre as possibilidades da prática da leitura quando se tem prazer na ação de ler, compreensão do que se lê e hábito leitor? Bem, como aborda Heloíse Vidor (2016), acredito que não estamos prevendo maneiras corretas ou incorretas de praticar a leitura, nem uma técnica infalível, mas a intenção é explorar a “escuta expandida”, o envolvimento aqui-agora na ação de ler.

Sobre a ação de ler, precisamos ter em mente que ela vai além da decodificação dos sinais gráficos marcados na folha quando deslizamos o olhar da esquerda para a direita, identificando as palavras escritas. Considero, portanto, que o ato de ler se dá em algumas etapas e essa é a primeira. Após ser superada a decodificação das letras, vem a compreensão do texto, ou seja, das palavras tramadas, e a reflexão em relação ao que foi lido. Paulo Freire, em *A importância do ato de ler* (1989), expande as camadas quando coloca que a primeira “alfabetização”, se assim posso chamar, se relaciona com a leitura que fazemos do mundo em volta de nós. Entendo que a maneira como realizo minhas atividades de todos os dias, o modo de me envolver com as pessoas do meu convívio, a compreensão própria enquanto ser neste mundo e minha relação comigo mesmo se projeta sobre as camadas de leitura. Quanto a essa percepção, suponho que atribuímos sentido, projetamos uma perspectiva própria sobre o material de leitura e agregamos à literatura um ângulo de interpretação subjetivo. Aderindo à ampla definição de Antonio Candido, em *O Direito à Literatura* (2011), podemos associar à literatura “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (CANDIDO, 2011, p. 176). A

conceituação de Candido define a literatura como uma manifestação sociocultural, em forma escrita ou oral, de um povo, valorizando o fato de que cada qual age segundo suas próprias noções de moral, crenças, impulsos, sentimentos.

O aspecto do projeto de investigar maneiras de proporcionar mais vínculo entre as pessoas e a literatura saltou aos meus olhos graças a minha vontade de retomar a proximidade que tinha com os livros na infância. Percebo que perdi o interesse em me deixar encantar pela literatura ao longo dos anos. Vejo isso como consequência da falta de exposição aos livros de maneira genuína. Inclusive, ao notar a relação escolar entre a leitura e o aluno, partindo da experiência própria nesse espaço de formação, digo que a leitura obrigatória a fim do preenchimento de fichas de leitura ou fins avaliativos, no geral, tornou-se uma grande vilã da fruição da literatura. A obrigatoriedade de cumprir tarefas me afastou do desejo de realizar a leitura de obras literárias, de modo que, principalmente durante o Ensino Médio, as histórias não me traziam nenhuma satisfação ao lê-las.

Meu caderno era cheio de anotações referentes às obras cobradas nos vestibulares. A inserção da literatura no ambiente escolar geralmente se prendia a procedimentos informativos a respeito da contextualização da obra, e essa forma de contato com os textos, permeada por explicações, interferia na minha fruição como aluno-leitor. Uma vez que um breve resumo não dá conta da complexidade de uma obra literária, o leitor deixa de ser “capaz de usufruir das variadas possibilidades que um texto literário oferece” (BAGNO; RANGEL, 2005, p.76), para apenas colher informações necessárias com o fim de responder à avaliação.

Em referência a Jacques Rancière (2010), em *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*, o princípio explicador embrutece. Esse princípio solidifica a hierarquização dos conhecimentos, impõe ao aluno a posição de ignorância e, ao professor, de especialista, relação que não favorece nenhum dos lados, já que quebra a possibilidade de trânsitos entre saberes diversos; o conhecimento proeminente reduz outras reflexões, as encobre e se cristaliza como saber único. Com base nessa afirmação, penso que a transmissão de ensinamentos de modo como vivi na escola, no caso da literatura, restringiu a fruição das obras.

Acredito ser importante especificar algumas divergências entre a literatura mencionada durante esta reflexão, cujo caráter acolhe múltiplos entendimentos,

e as obras que se restringem a um sentido único; para isso, me alio a Candido (2011), Vidor (2016) e Andruetto (2012). A obra literária pode se desenvolver na expectativa de viabilizar inúmeras percepções e diversos pontos de entendimento ao se apropriar de dispositivos artísticos, linguísticos, metafóricos no corpo do texto. Em justaposição ao que foi dito, cada pessoa que se expõe à obra terá uma leitura desde sua perspectiva, moldada por suas experiências. Esse aspecto confere à literatura traços atemporais, alegóricos, interpretativos. Ao se afastar da determinação temporal, a obra é capaz de se relacionar com outros momentos, talvez outros eventos ou até outras circunstâncias. Com seu caráter simbólico, ela se expande na intenção de abranger as diversas imagens associadas por cada leitor. Ademais, torna-se possível, também, alargar o sentido da obra e incorporá-la a novas visões desde uma atribuição de perspectiva particular.

Por tais fatores digo que um texto literário conta com a multiplicação do sentido à medida que é lido por leitores distintos, em épocas e contextos sócio-históricos distintos. A partir daí, a literatura também pode confrontar seus leitores ao se depararem com a ficcionalização de outros mundos. A obra que mobiliza o leitor a ser um questionador ativo também gera um movimento semelhante ao escritor, de maneira que a escrita e a leitura se configuram em uma experiência de exploração entre incertezas e questionamentos, que se sustenta a longo prazo, como diz Andruetto (2012).

Em alternativa, a literatura reduzida a apenas um pensamento pronto tem uma proposta com menor margem interpretativa, pois sugere um ensinamento antevisto pelo autor do texto, fato que diminui sua potência. Embora esse modelo de escrita possa ser relevante em determinados contextos, com objetivos específicos, é importante ter em vista onde ele se insere. Andruetto (2012) relaciona o caráter funcional e utilitário das obras ditas infantis e juvenis à questão de mercadorização dos livros, a uma demanda do mercado editorial, que acaba rotulando as obras - literatura infantil, literatura juvenil, literatura de valores, literatura com temática ecológica, entre outras classificações. A autora argentina chama a atenção para o fato de que o grande perigo dessa abordagem editorial é a predefinição dos temas e de uma forma correta de escrever, imposta aos autores. Para ela: "correto não é um adjetivo que cai bem na literatura, pois a literatura é uma arte na qual a linguagem resiste e manifesta sua vontade de desvio da norma" (ANDRUETTO, 2012, p. 60). Também podemos pensar nesses mesmos aspectos como reflexo de uma postura que subestima a capacidade leitora de crianças e jovens para obras que os desafiem, desestabilizem, obras que apresentem a "possibilidade de criar um impasse, de esgueirar-se, por um

momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros" (ANDRUETTO, 2012, p. 55).

De volta ao projeto de pesquisa, remeto-me à *Bibliotequinha*, ação que surgiu do desejo de se criar uma biblioteca com livros infantis e juvenis. A disponibilização desses livros, que pertencem à professora, tem o intuito de proporcionar trânsitos literários entre os estudantes da licenciatura, prioritariamente, de modo a inspirar as práticas a serem desenvolvidas por eles e elas nos estágios, além de incentivar a presença da literatura nos processos pedagógicos teatrais. O acervo foi organizado contando com duzentos e cinquenta e cinco livros para empréstimos a alunos, professores e funcionários da universidade. Os livros foram separados em um armário pela ordem alfabética de seus títulos. Um catálogo foi providenciado contendo a relação dos livros disponíveis e suas respectivas sinopses. Esse documento organiza o título dos livros, quem os escreveu, quem os ilustrou, seu país de origem, a editora, o ano de publicação e a imagem da capa dos livros, a fim de facilitar a identificação e promover o primeiro contato. As pessoas que desejam pegar livros emprestados recebem, por e-mail, o catálogo online para consultá-lo. Os bolsistas ficam responsáveis por acompanhar as pessoas até o local onde eles estão mantidos, para que possam realizar os empréstimos. É preenchida uma ficha que declara o nome do livro emprestado, quem o levou, a data de retirada e a prevista para devolução. O prazo, primeiramente de uma semana, é sempre renovável, caso não haja reservas para o livro em questão. Os leitores recebem, também, um bilhete com as datas combinadas dos livros a serem lidos e devolvidos, como lembrete.

A justificativa do nome da biblioteca diz respeito à intenção de mantê-la em uma esfera íntima de conexão entre os livros, os leitores e os organizadores do projeto. A proposta se insere no campo de fazer um convite delicado de aproximação a um espaço de descanso diante da movimentação universitária. Houve a ideia de vincular esses livros à biblioteca central da universidade, contudo ela foi logo descartada em virtude da perda do gesto afetivo de encorajar o toque nos livros para folheá-los, observá-los e lê-los no contato individualizado na ocasião da procura e retirada dos livros.

Diante de todas as provocações com que me deparei ao me inserir nesta pesquisa, fiquei um tanto atônito pela grandeza dos materiais de estudo desta área. Com certeza, encontrar-me com a discussão sobre a amplitude da literatura colocou-me em um lugar novo para repensar minhas próprias vivências e

experiências, seja ao me reencontrar com minhas leituras infantis, seja na minha prática leitora atual. Percebo, neste momento, a literatura como uma chance de pensar, repensar e gerar perguntas. Aprendi que ela abrange diversos pensamentos, inclusive os interrogativos. Afinal, se o mundo fosse feito apenas de pontos finais, não haveria mais literatura - nem pesquisa.

Como mencionado anteriormente, nosso intuito não é apresentar soluções metodológicas sobre o saber-fazer da prática de leitura, até porque cada pessoa, em suas circunstâncias se liga de maneira diferente a essa ação em comparação às outras. Mas, compartilho algumas percepções: talvez não seja imediato ter prazer no momento em que se lê o primeiro livro, porém, tal qual muitos outros, o hábito da leitura exige disciplina e persistência. Talvez ajude criar um ambiente favorável para se introduzir o momento da leitura, como eu fazia lá na infância - eu me acomodava em um espaço (físico e mental) que contribuísse para minha presença no presente, e o fruir no ato de ler tem a ver com prezar pelo momento presente.

Assim, além de reavivar o imaginário infantil e juvenil, o intuito da *Bibliotequinha* é aproximar as obras literárias das pessoas e incentivar a prática de leitura no cotidiano. E, idealmente, propõe a fabulação de um mundo diferente e, mais importante, empenha-se em torná-lo real.

Muito parecido com o modo de a literatura expandir as oportunidades de leitura de mundo, como diz Paulo Freire (1989), esta pesquisa tem me permitido revisitado afirmações que eu tinha guardadas para revisá-las por um olhar um pouquinho mais alargado, já capaz de me mover a investigar mais, saber mais, pensar de novo e me fazer lembrar porque, quando criança, eu preferia a sessão de livros à de brinquedos nas lojas.

## **O FLUIR DAS ÁGUAS QUE ME LEMBRAM, DESDE O CORAÇÃO, DA CRIANÇA QUE UM DIA EU FUI - POR BÁRBARA EVANGELISTA VIEIRA PRUDÊNCIO**

Antes de tornar-me bolsista de iniciação científica da professora Heloíse, fui sua aluna quando estava na segunda fase da Licenciatura em Teatro da UDESC. A disciplina por ela ministrada era Metodologia do Ensino do Teatro II. Através desta, tive contato com propostas de ensino que envolviam as literaturas infantil e juvenil. Eram exercícios muito simples, que me encantaram, e tocaram profundamente.

Uma dessas atividades foi a leitura de um livro que se chama *Os invisíveis* (2013), de Tino Freitas. Nesse livro, o autor conta a história de um menino que tinha o poder de enxergar pessoas invisíveis - aos olhos dos adultos e da sociedade. Não me lembro do enredo com detalhes e acabei não tendo mais acesso ao livro, mas sei que, como desfecho da história, a criança torna-se adulta e perde o seu poder. Acredito que a obra tenha me tocado pela sensibilidade do autor e do ilustrador ao abordarem um assunto tão sério e pesado (a invisibilidade social) com tamanha poesia. Acho que a poesia sensibiliza e me sensibilizou naquele momento.

Naquela altura, eu ainda não havia associado minha identificação com a literatura ao desejo de ser bolsista do projeto de pesquisa em questão, embora eu já tivesse comunicado a professora Heloise a respeito do meu interesse em ocupar tal vaga. No final do semestre, no entanto, ela realizou uma avaliação por escrito com a turma. Uma das questões pedia que relatássemos o que mais tínhamos gostado na disciplina, ao longo do semestre. Na minha resposta, eu escrevi sobre a abordagem da literatura infantil. No último dia de aula, após a devolução da avaliação, ela me disse que havia me selecionado como sua bolsista e que a confirmação da sua escolha se dera no momento em que ela lera a minha resposta para tal questão, a qual evidenciava que eu tinha afinidade e interesse pela sua pesquisa.

No início de 2017, então, ingressei no projeto. Em meio às primeiras leituras teóricas, a professora começou a nos falar sobre sua coleção de livros infantis e sobre o seu desejo de criar uma espécie de biblioteca, através da qual esses livros poderiam ser emprestados, por exemplo, a estudantes ou professores da Universidade para que eles e elas os utilizassem em suas práticas docentes. Seu propósito era que livros, que ela considerava muito valiosos, não ficassem apenas nas prateleiras da sua casa, podendo ganhar novos ares, mãos e olhares. Essa ideia foi tomando forma no projeto que ganhou o nome de *Bibliotequinha*.

Eu me envolvi na concepção de como seria o seu funcionamento e de quais seriam os mecanismos e ferramentas que nos ajudariam a organizar os livros e efetuar os empréstimos. Fizemos um catálogo virtual e uma tabela de relação dos exemplares, lembretes de devolução para o/a leitor/a e uma tabela de controle dos empréstimos. As cores azul, vermelho e amarelo passaram a ser as cores da *Bibliotequinha*, que se materializaram em três pastas, as quais utilizamos para organizar e guardar os documentos que havíamos criado, bem como em fitas adesivas coloridas - que utilizamos para etiquetar todos os livros, de acordo com

a ordem alfabética dos seus títulos. Da minha parte, lembro que toda essa preparação foi feita com muito cuidado e empolgação. Mas, de todos os momentos que compuseram essa etapa, com toda a certeza o meu primeiro encontro com os livros foi o mais emocionante.

Desde então, toda vez que me encontro com um livro novo que chega ao acervo ou me reencontro com algum que já conhecia, costumo reviver essa sensação de contato com o fluir das minhas águas profundas, que me lembram, desde o coração, da criança que um dia eu fui. Talvez isso seja um dos motivos pelos quais continuei no projeto: a oportunidade de reencontrá-la, ou de sentir-me perto dela; a possibilidade de recordar-me (segundo a definição lembrada por Eduardo Galeano)<sup>7</sup> da menina que, em algum momento, deixei para trás.

Não à toa, decidi estudar, dentro das provocações propostas pelo projeto, as relações entre literatura infantil, teatro e educação. Esse estudo buscou investigar os potenciais da referida literatura no contexto da educação escolar, a maneira pela qual a pedagogia do teatro pode se aproximar e apropriar dela e, finalmente, o que a educação como um todo tem a aprender com as suas formas e conteúdos. Essa pesquisa rendeu um artigo<sup>8</sup>, que, mais uma vez, fala muito sobre poesia (aquela intrínseca à linguagem das crianças e dos livros para a infância - a sensibilidade, as metáforas, as fantasias). Fala do mundo onírico que existe em contraponto ao mundo real, que às vezes é tão pesado que precisa ser digerido através dos símbolos. Acredito que esses dois mundos são, na verdade, faces diferentes de um mesmo mundo - ambas reais. E que a face do sensível, à qual pertence a literatura infantil, é capaz de regar aquilo que, inevitavelmente, torna-se árido pelas brutalidades da outra face. E essa sensibilidade toda, contida em tal literatura, é tão aflorada que chega a ser capaz de tocar até os adultos. E por isso que eu, adulta, resolvi escrever sobre isso.

No decorrer desse processo, houve momentos de maior e menor fluidez. Em algumas horas, sentia-me tão suprimida pelo contexto pessoal, acadêmico e social no qual eu estava inserida, que minhas águas profundas quase que secavam (ou paravam de correr). E isso fazia com que a minha atuação dentro do projeto

---

<sup>7</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina Em *O livro dos abraços*, Eduardo Galeano traz a seguinte definição: “recordar: do latim re-cordis, voltar a passar pelo coração” (GALEANO, 2015, p. 11). A significação poética atribuída por Galeano à palavra recordar está de acordo com a sua real etimologia, a qual pode ser conferida na plataforma virtual Dicionário Etimológico.

<sup>8</sup> PRUDÊNCIO, Bárbara Evangelista Vieira. *Literatura infantil, teatro e educação: uma investigação sobre diálogos possíveis*. Uberlândia: OuvirOUver, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/41109> Acesso em: 10 out. 2020, 19:37.

ganhasse, também, bloqueios. Até lemos um livro de Byung-Chul Han, no qual vimos refletida essa realidade, e ele se chama *Sociedade do cansaço* (2015). O título refere-se à sociedade contemporânea, também nomeada no livro de sociedade do desempenho. Segundo o autor, nós, sujeitos de desempenho, realizamos o papel de nossos próprios chefes opressores. Diferentemente dos sujeitos de obediência, da sociedade disciplinar de Foucault - os quais estavam subordinados aos seus padrões -, somos cobrados de maneira exploratória a atingir desempenhos excessivos por nós mesmos, sob uma falsa sensação de liberdade e autonomia. E, segundo o filósofo, os adoecimentos psíquicos inerentes à sociedade contemporânea - entre eles, a depressão - decorrem justamente do esgotamento resultante dessa relação autoritária do indivíduo com ele próprio. E, como eu mencionei anteriormente, esse tipo de conflito, mesmo que se dê no âmbito subjetivo e diga respeito a uma relação intrapessoal, faz parte de um quadro cultural, histórico e social no qual estamos implicados. Portanto, não trata-se de um problema individual simplesmente, e, sim, coletivo. E a universidade, que é o lugar onde estudamos e atuamos, não fica de fora desse diagnóstico - muitas vezes reproduzindo padrões de produtividade da *sociedade do desempenho*.

Tendo esse contexto em vista, é bom lembrar que a *Bibliotequinha* existe dentro dele como uma iniciativa que expressa a nossa vontade de funcionar na contramão dessa lógica. O diminutivo do nome, além de referir-se à infância, carrega o sentido do que é pequeno, pouco ou singelo. Quando ainda estávamos gestando sua existência, chegamos a cogitar a possibilidade de ela localizar-se dentro da biblioteca central da universidade. Entretanto, desde o início, a intenção era mover algo modestamente. Sem grandes responsabilidades ou pretensões, a *Bibliotequinha* não surgiu para suprir demandas ou atingir metas, nem desempenhar, necessariamente, alguma função. Dispondo de escasso ou nenhum conhecimento de biblioteconomia, quatro ou cinco ferramentas quase analógicas de organização e uma dinâmica baseada de visitas marcadas por e-mail e com o acompanhamento do ou da bolsista que irá tirar o livro do armário para emprestá-lo, ela surgiu como um simples gesto - e segue existindo como um delicado convite à literatura. De fato, ela não mudou muita coisa, mas talvez por isso mesmo e paradoxalmente, acabou por manifestar-se como uma pequena presença importante, em um lugar-mundo muitas vezes apressado e desatento.

Nesse sentido, em muitos momentos do processo, tudo era apenas encontro e poesia. Os livros da *Bibliotequinha*, para mim, são apenas poesia - antes de virarem artigo. Este fato, porém, pode ser visto como uma coisa boa,



uma vez que pode trazer seriedade para a poesia – algo a ser valorizado no caso de adultos que não costumam levá-la a sério. Mas também os livros teóricos, nas leituras que fizemos, acabaram por transbordar poesia. De todas elas, acho que as que permaneceram de forma mais profunda em mim foram a leitura de *Tremores: escritos sobre experiência* (2016), de Jorge Larrosa, e de *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica* (2019), de Walter Kohan.

Em *Tremores*, Larrosa descreve uma realidade que, arrisco dizer, está entrelaçada à sociedade do desempenho, de Byung-Chul Han. O filósofo espanhol, bastante voltado ao universo da educação, mas não só, discorre sobre um lugar, no sentido abstrato da palavra, no qual se encontram educadores e outros profissionais da contemporaneidade, que, segundo ele, exercem um esforço demasiado em demonstrar conhecimentos especializados e certezas – lugar este, sem brechas para o que não se sabe ou para o que está incompleto, em movimento. E, a partir disso, ele elabora uma outra realidade, que talvez se constitua como um vislumbre do que pode existir para além desse lugar que “enjaula” a experiência. Experiência, para o autor, é caracterizada como aquilo que nos acontece, toca, atravessa, afeta e transforma – e, por isso mesmo, não cabe em lugares fechados em predefinições. Esse algo além me parece estar expresso no livro mais como uma pergunta, do que como uma resposta – uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos e que pode se constituir como uma abertura, um respirar para além dessa jaula, desse lugar onde nossa voz deve ser impostada e onde tudo está garantido. Decorre desse aprisionamento, no qual nos colocamos, uma falta de vida e uma vontade de viver, de que algo nos aconteça, de termos experiências tais como o autor as descreve. E talvez este seja o exercício que nos cabe fazer na tentativa de resgatarmos nossa capacidade de vivermos de fato: criarmos, como afirma Larrosa, uma linguagem viva, aberta, expressiva dos afetos e dos buracos, das vozes e dos silêncios. Talvez, o sujeito de experiência, de Larrosa, seja o jeito de viver que buscamos como um desvio do sujeito de desempenho, de Byung-Chul Han.

Arrisco dizer que a concepção de experiência cunhada pelo filósofo encontra uma correspondência na ideia de infância expressa na vida e na obra de Paulo Freire. No livro *Paulo Freire: mais do que nunca*, Walter Kohan aborda cinco princípios que ele considera fundamentais da trajetória do educador pernambucano e, entre eles, está a infância. Antes da publicação do livro, Kohan já havia escrito um artigo com o foco nesse último aspecto, intitulado *Paulo Freire: outras infâncias para a infância* (2018), no qual recorre a outros estudiosos do educador para expressar a sua compreensão da infância:

Assim, a infância realiza o sentido político de uma existência propriamente humana: sua vocação irrenunciável por ser mais, por afirmar o futuro como possível e não como determinado, seu permanente estar sendo em vez de ser de uma vez e para sempre. Nesse sentido, o pernambucano diz: “a luta não se reduz a retardar o que virá ou assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo” (FREIRE, 2001, p. 40). A infância é política. A infância é, para Paulo Freire, uma força re-inventora de mundo (KOHAN, 2018, s/p.).

Como se vê, a infância para Paulo Freire, como descrita no trecho acima, aproxima-se do que Larrosa escreve a respeito da experiência, na medida em que ambas relacionam-se ao exercício de colocar-se no caminho e à potência desse movimento, ao mesmo tempo vulnerável e portador daquilo que está vivo e é sempre novo. Da mesma forma como é possível estabelecer uma comunicação entre o que trazem os dois autores, o meu contato com ambos neste projeto de pesquisa relaciona-se à minha experiência com a literatura infantil, através dos livros da *Bibliotequinha*, a qual descrevi anteriormente: todos causaram em mim, de alguma forma, a sensação de reencontro com as tais águas profundas. Walter Kohan (2019), trazendo à memória Paulo Freire, e Jorge Larrosa (2016) teorizam sobre a necessidade de nos transformarmos e, de algum modo, ao lermos sua teoria, já nos sentimos transformados. E isso talvez se dê, por seus modos de ler, pensar e escrever serem coerentes com o significado do que carregam suas palavras. Kohan, Freire, Larrosa, Freitas (autor de *Os Invisíveis*) e os livros da *Bibliotequinha* são, para mim, como um lembrete: “não esqueças de levar no bolso a infância; lembres que és água, e também criança”.

## **VERSOS FINAIS - SOBRE "REPLANTEAR" E SEGUIR COM A PESQUISA**

Emprestamos do castelhano a palavra replantar, que significa "apresentar de novo um assunto" e que remete à "plantar", para pensarmos em como recolocar as questões movedoras da pesquisa em um terreno fértil de tal modo que possam ainda germinar. Nosso projeto tem a ver com a ideia de aproximação da poesia, da delicadeza, da arte, da sensibilidade para criar outros espaços e maneiras dentro da educação e da pedagogia do teatro, além de buscar conexões com a juventude. Como essa proposta pode fazer sentido e construir sentidos em um mundo descosturado, no qual se rompem vínculos e confianças nas certezas e paradigmas pré-estabelecidos? Qual é o papel da leitura, da poesia e da literatura em uma pedagogia do teatro que, assim como todas as áreas do conhecimento, precisará recriar-se? O que a literatura e o teatro poderão trazer

para uma educação que necessita se rever, profundamente, para reformular-se? Como dispositivos pertencentes aos universos da leitura e teatralidade, da literatura juvenil e da escola podem contribuir, do seu lugar de atuação, para que voltemos a encontrar o fluxo do rio, em meio a um contexto pandêmico mundial, no qual fomos mergulhados, que sequer entendemos ainda, por completo? E, acreditamos que o mais importante, como a arte e a educação podem ajudar a sustentar o cuidado e o cultivo da vida, em um mundo que, cada vez mais, mostra-se tão atravessado por forças destrutivas do planeta e da própria vida?

Finalizamos dizendo, com Larrosa, que a lida com os textos diversos – teóricos e literários – nos serviu e nos serve para "nos situarmos num lugar, ou numa intempérie, a partir da qual se pode dizer não: o que não somos, o que não queremos" (LARROSA, 2016, p. 74). Da mesma forma, segue nos inspirando a afirmar nossa vontade de viver uma pesquisa, uma docência e uma arte que façam sentido.

## REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. 1 ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. 205p.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação lingüística no Brasil**. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982005000100004>. Acesso em : 05 out. 2020.
- BENEVENUTTO, Assis; COLLETA, Marcos. **Fauna**. Belo Horizonte: Javali, 2017. 91 p.
- BYUNG-CHUL, Han. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 128 p.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193
- FARIA, Priscilla Menezes de. **Travessias praticadas: a viagem como ensaio**. 2014. 109f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014



FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989. 102p.

FREITAS, Tino. **Os invisíveis.** [Ilustrações: Renato Moriconi]. 1 ed. São Paulo: Casa da Palavra, 2013. 21p.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca:** uma biografia filosófica. 1. ed. Belo Horizonte: Vestígio, 2019. 269p.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire:** outras infâncias para a infância. Belo Horizonte: FapUNIFESP (SciELO), 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982018000100173&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100173&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 7 out. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 175 p. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). 237 p.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 174 p. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). 174p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **A pesquisa narrativa:** uma introdução. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2020, 9:30.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** Cinco lições sobre emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). 191p.

SILVA, João Paulo Ferreira. **O mestre desmandou:** memórias, teatro e atenção na escola. 2019. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e teatro:** aproximação e apropriação do texto literário. 1 ed. São Paulo: HUCITEC editora; Florianópolis: Fapesc, 2016. 273p.



WACHELKE, Luiz. **O Jardim Suspenso**: pinturas, composição, texto. S.I: Revista O'cyano, 2020. Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/08738a53-314d-4f3d-a766-dec513812d31>. Acesso em: 20 ago. 2020, 12:11.

*Recebido em 13 de outubro de 2020*

*Aprovado em 14 de fevereiro de 2021*